

Mulheres Kaiowá e Guarani: contra o veneno, pelo futuro.¹

Graciela Vilela Pereira² (UFGD/MS)

Resumo: O presente texto é referente e faz parte da pesquisa de mestrado³ que venho (des)envolvendo no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt/UFGD) junto às (e não sobre) mulheres indígenas kaiowa e guarani no Mato Grosso do Sul. As comunidades kaiowa e guarani no estado vivenciam um contexto ainda permeado pela colonização onde inúmeras violências, praticadas em conjunto pelo Estado, latifundiários e jagunços, atravessam seus corpos-territórios tendo como objetivo final a expropriação de terras ancestrais indígenas, com a expulsão ou eliminação dos povos e a destruição dos ecossistemas em que historicamente praticam seu modo de vida. O objetivo aqui é situar e discutir a importância das mulheres nos cuidados com seus parentes e com a Mãe-terra, tendo em vista que suas práticas proporcionam a manutenção da cultura e a transmissão dos valores ao longo das gerações. Na atualidade, onde já experienciamos catástrofes climáticas a nível global, mas que se relacionam a realidades locais, pontuais, é primordial dar atenção ao modo como as mulheres atuam sobre esse processo, construindo estratégias de continuidade de seu sistema social e de luta por seus territórios, afastando assim o fim do mundo ao mesmo tempo em que constroem outros mundos. Na revisão bibliográfica e em campo, dou prioridade aos saberes indígenas e de mulheres, aos contemporâneos e aos ancestrais, utilizando a metodologia etnográfica de interação *in loco* com as/os interlocutoras/es indígenas, participando do seu cotidiano de vida especialmente em territórios auto demarcados/retomadas.

Palavras-chave: Mulheres; Veneno; Agrotóxicos.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt/UFGD).

³ Orientação: Lauriene Seraguza Olegário e Souza.

Introdução

O trabalho aqui apresentado tem como objetivo trazer algumas experiências obtidas a partir da minha pesquisa de campo para a dissertação de mestrado em diálogo com textos lidos e discutidos durante as aulas das disciplinas cursadas ao longo do programa. Minha pesquisa de dissertação, em (des)envolvimento no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFGD possui orientação da Profa. Dra. Lauriene Seraguza Olegário e é intitulada *“Minha mãe cuida de mim e eu tô cuidando dela”:* *mulheres kaiowa e guarani, saberes e enfrentamentos em contexto de fim de mundo*. Nesse desafio, venho caminhando e pesquisando junto com as mulheres Kaiowa e Guarani para entender como o que nós *karaí*⁴ (não indígenas) nomeamos “crise climática” vem ocorrendo em seus territórios. Venho estando presente e aprendendo principalmente nas retomadas, o que se mostrou de extrema importância para a dissertação e tem mudado minha percepção sobre muitas coisas no mundo, até mesmo minha alimentação. Segundo o Dossiê Retomadas Indígenas (2024),

A história da formação do Brasil é marcada pela expropriação dos territórios indígenas e pelo apagamento da violência perpetrada pela colonização [...] passamos a ouvir mais sobre retomadas indígenas, pois a omissão do Estado levou muitos povos a buscarem ocupar seus territórios mesmo sem o cumprimento da obrigação do Estado de realizar os estudos de reconhecimento, demarcação e desintrusão das terras indígenas [...] As ações indígenas de retomada remetem a um momento anterior e presente de autorreconhecimento e de práticas coletivas singulares, que nunca deixaram de existir e que foram reforçadas à medida que ditames legais e ideológicos para a erradicação da presença indígena no país, como o integracionismo, foram preteridos por força da luta de seus ancestrais. O direito não é concedido, é sempre conquistado. O direito indígena, como reconhece a Constituição, é originário. Isso aponta para categorias como tradicionalidade, ancestralidade e espiritualidade, muito acionadas pelos indígenas nos processos de retomadas [...] A retomada do território é precedida pelo acionamento de processos do parentesco, da organização social, de práticas rituais e da intensificação de conexões com a ancestralidade. São situações complexas, com especificidades em cada contexto particular. As retomadas são ações que envolvem o antes, o durante e o depois, mas nunca terminam, porque novos desafios surgem, confrontando a retomada (Colman; Pechincha; Pereira, 2024, p. 9-13).

Ao longo do último ano, em toda a oportunidade de ir aos territórios eu fui, mesmo os que não tinha pretensão de pesquisar diretamente, para conhecer melhor as histórias, as pessoas, os contextos, as mulheres, o que mudou os rumos da pesquisa e da minha vida. Dessa forma, percebi que cada retomada possui seu contexto particular, formado por coletivos distintos de pessoas, entretanto atravessados por um mesmo contexto: *a colonização*, como ouvi muitas vezes das mulheres em campo. Essa

⁴ Num exercício de partir das categorias próprias de conhecimento e denominação das mulheres, serão utilizadas algumas palavras na língua guarani, com a tradução aproximada em português entre parênteses.

interpretação abriu meus olhos para a forma com a qual aquilo que academicamente consideramos passado, um período histórico superado, para as mulheres indígenas segue sendo a realidade diária, igual para suas avós e bisavós, muitas vezes até mesmo pior, não fazendo sentido utilizar outros conceitos, como da colonialidade de Quijano (1997), ao qual primeiramente recorri.

Fui sempre bem recebida, com muita comida compartilhada, momentos muito importantes para a formação de vínculos nas culturas guarani e kaiowa. Até o momento decidi estar principalmente em duas retomadas para a pesquisa da dissertação: Guyraroka e Yvy Katu, territórios que tenho visitado e formado vínculos com as mulheres, campos iniciais que pretendo aprofundar dedicando mais tempo ao longo de 2026. Trago, portanto, algumas vivências iniciais.

Guyraroka e Yvy Katu: a luta por um futuro sem veneno.



Imagem 1: Cartaz colado pelos indígenas de Guyraroka em cima da placa da “Fazenda Ipuitã”. Se lê “Queremos nossa terra sem veneno e sem desmatamento. O Futuro é o povo indígena!” Foto da comunidade.

Os Guarani e Kaiowa protagonizam, desde os anos 1970, um retorno aos seus territórios ancestrais através das retomadas – ação política operacionalizada frente às expulsões, com o intuito de recuperação territorial, que ocorre à revelia do Estado e do agronegócio brasileiro, configurando um dos maiores

conflitos e uma das mais graves situações de violação aos direitos humanos e territoriais do Brasil (Seraguza, 2024, p. 4).

Nesse contexto, Lauriene Seraguza demonstra quão importante é o papel das mulheres guarani e kaiowa, as principais responsáveis pelos trabalhos de cuidado, alimentação, transmitir a língua, os valores e as práticas para as crianças e jovens, de geração em geração, expressando um papel primordial na resistência ao sistema capitalista colonial. Segundo a pesquisadora, “há muitas retomadas que são terras de mulheres e crianças” (IDEM, p. 6), portanto olhar para os saberes das mulheres com atenção, discutir as violências que ainda atravessam seus corpos-territórios, num processo de colonização não finalizado, presente em suas falas e vivências, contínuo e violento, nos mostra como são as mulheres, com o equilíbrio da “fala dura”, feita para fora em momento de ameaça à vida, e da “fala boa”, feita para dentro no sentido de agenciar e unir parentes, que conseguem agitar os processos de autodemarcação.

no campo da aproximação, a fala das mulheres se aproxima da fala inspirada dos rezadores, seja por conquistar uma escuta pelo afeto ou mesmo pela predisposição feminina em atentar-se às palavras e conhecimentos dos mais velhos e por isso conhecê-los [...] Ou seja, as falas das mulheres estão presentes nas performances dos rezadores/as, mas, no caso das mulheres, inclusive das mulheres rezadoras, se acrescenta a experiência de produzir corpos e pessoas de seus parentes, com seus afetos e afecções e conhecimentos específicos. Falar é um ensinamento das mulheres. É preciso aprender a falar, e quando as mulheres cantam, conversam, aconselham suas crianças estão ensinando a falar, e as crianças aprendem com elas a reproduzir os sons e os tons das palavras que as conectam enquanto coletivo (Seraguza, 2025, p. 11).

Um dos casos mais emblemáticos quando se discute os direitos dos Guarani e Kaiowa a suas terras é o da TI Guyraroka, que há trinta anos aguarda seu processo demarcatório, travado na Declaração da Terra Indígena, anulado pela Tese do Marco Temporal, posteriormente anulada a anulação. De acordo com reportagem do jornal Contrapoder

A TI Guyraroka é declarada como ocupação tradicional Guarani e Kaiowá pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) com 11.401 hectares, aguardando a conclusão do processo de homologação. Atualmente, Guyraroka ocupa apenas 44 hectares. Com a morosidade do Estado em cumprir seu papel na demarcação e com as constantes pulverizações de agrotóxicos pelos fazendeiros, a comunidade decidiu retomar a Fazenda Iputã, sobreposta ao território originário e limítrofe ao local atualmente ocupado. Com essa decisão, os indígenas objetivam liberar a terra das contaminações por agrotóxicos que têm atingido as pessoas e as roças de Guyraroka – fatos recorrentes denunciados nacional e internacionalmente – e garantir a efetiva demarcação da terra. Os ataques químicos contra Guyraroka são feitos através de máquinas e aviões agrícolas, resultando na perda de toneladas de alimentos produzidos pelos indígenas e frequente adoecimento de idosos, crianças e jovens, incluindo casos de hospitalização. As pulverizações são frequentes nas proximidades da escola indígena de Guyraroka (Cerro; Montero, 2025).

Escancarando a violência colonial ainda perpetrada contra os povos indígenas, o caso de Guyraroka foi abordado na tese de Carolina Santana, *O Xamã e o Guardião: Terras Indígenas e Processo Desconstituente de direitos no Brasil*. Segundo Santana (2023), “a história da demarcação do Guyraroká mostrou-se uma história que, de modo algum, se restringe aos Kaiowa e ao Guyraroká” (p. 27).

Guyraroka é uma terra indígena em processo administrativo de demarcação, localizada no município de Caarapó e no Distrito de Cristalina, no cone sul do estado de Mato Grosso do Sul. Nos documentos oficiais como processos administrativos, portarias e processos judiciais a terra indígena é grafada "Guyraroká". Os Kaiowa que lá vivem, porém, me explicaram que o certo é "Guyra Roka" e quer dizer terreiro de pássaros. Além de ser a denominação da terra indígena, o Guyra Roka, para os Kaiowa, também é um lugar específico, sagrado, no interior dos limites estatalmente definidos para a terra indígena, um local que, atualmente, eles não podem acessar por proibição dos fazendeiros da região (IDEM, p. 14).

Na primeira vez em que fui a Guyra Roka estava acompanhando uma oficina do Laboratório Etnoterritorial, projeto junto ao MPI do qual faço parte, cujo objetivo é explicar às comunidades na língua nativa como acontecem os processos de demarcação e em qual fase se encontra o processo do território, já que muitas vezes as comunidades sequer entendem o que está se passando no *kuatia* (papel/documento). Nesse dia estava muito frio e eu estava acabando de me recuperar de uma doença, sentindo muito sono e sem entender muito bem o que estava sendo dito, pois estavam conversando quase tudo em guarani. Mas duas coisas me chamaram a atenção: Primeiro que além de alguns homens *karaí* parceiros e do *nhanderu* (ancião-rezador) Papito, com seus mais de cem anos, eram as mulheres e as crianças que estavam na *oga psy* (casa de reza) ao redor do fogo de chão, discutindo o processo de demarcação e o futuro de seu território. Em um certo momento, uma delas fala sobre como existe uma raiva de Guyraroká pelos setores anti-indígenas, por ser uma retomada que denuncia os agrotóxicos. Mesmo sendo um território declarado, tudo em volta se encontra arrendado pelos fazendeiros para

monocultivos como o da soja, vivência relatada pelos indígenas que ali vivem: As mulheres dizem que os bebês têm nascido com problemas; o *nhanderu* fala sobre o perigo das doenças trazidas pelo vento; “quando tá na fase de cortar tudo (colheita), a terra fica lisa, sem nada para segurar o vento, ele vem e leva tudo”.

Um tempo depois, em 21 de setembro de 2025, os indígenas ocuparam uma área da Fazenda Ipuitã, uma das 25 que se encontram sobrepostas a Guyraroka⁵, numa luta para frear a pulverização de agrotóxicos em mais um plantio de soja dentro de seu território (vide imagem 1). Segundo informações do CIMI⁶, a comunidade de Guyraroká e organizações aliadas pedem a aceleração dos processos judiciais de demarcação da terra indígena, que seria “a única forma de solucionar o conflito definitivamente e garantir a sobrevivência física e cultural da comunidade”. “A atualização informa que a comunidade segue confinada a uma área diminuta de seu território, cercada pelo agronegócio e sofrendo com a contaminação de suas terras e águas”.

Um dos campos mais bonitos que fiz foi em conjunto com a associação RAIS, a Teia dos Povos e sua Rede de Sementes e a Próspera Social. Nesse dia fazia menos de uma semana do ataque a Guyraroka, realizado numa ação conjunta entre Polícia Militar, DOF e jagunços dos fazendeiros no fim do mês de outubro de 2025. Chegando em Guyraroka, estávamos numa carreta em três caminhonetes e uma van da cvc, a Polícia Militar (previamente notificada sobre o intercâmbio) vinha parando todos os apoiadores de Guyraroka, com relatos de revistas crescentemente intimidadoras, e parecia nos esperar em frente a porteira da Fazenda Ipuitã, o camburão estacionado embaixo de uma bandeira do Brasil. Não nos parou. Poucos metros à frente, quatro guerreiros, pintados de jenipapo e seguros com seus arcos e flechas nos esperavam espalhados pela porteira. Entramos rapidamente e a polícia foi embora em seguida. Nesse mesmo dia saiu a portaria determinando a retirada da PM e DOF do território e entrada da Força Nacional para proteger a comunidade de novos ataques. Talvez em comemoração, o canto e a reza desse dia foram diferentes de todos os outros que eu já vi. Uma espécie de *xondaro*, onde o canto-reza, a luta em autodefesa se misturam, uma junção de saberes ancestrais que fiquei muito honrada em poder presenciar.

⁵ De acordo com informações da reportagem do O Joio e o Trigo: https://ojoioetrigo.com.br/2025/12/guarani-e-kaiowa-retomam-fazenda-no-ms-para-impedir-uso-de-agro-toxico-e-expoem-disputa-que-pode-redefinir-demarcacoes-no-pais/#utm_source=ig&utm_medium=social&utm_content=link_in_bio

⁶ Mais informações em: <https://cimi.org.br/2025/10/tropa-de-choque-escolta-tratores-e-ataca-retomada-guarani-e-kaiowa-na-ti-gu-yraroka-ha-pelo-menos-nove-feridos/>. Publicado em: 17/10/2025. Acesso em: 04/12/2025.



Imagem 2: Barracas na retomada, na placa se lê “Você nunca encontrará justiça em um mundo onde criminosos fazem a lei”. Ao fundo, um camburão da Força Nacional. Acervo pessoal.

A visita da Teia dos Povos veio trazer um pouco de esperança às retomadas: a entrega de cem quilos de milhos crioulos que vêm sendo cuidados há 20 anos, testados e purificados de transgênicos e agrotóxicos. Visitamos muitos territórios em uma verdadeira troca de saberes. Em um momento em Guyraroka, sentados em roda, escutamos atentamente seu Papito compartilhando um pouco de seus saberes de que têm canto e reza para chamar todos os bichos, para fazer todas as plantas crescerem. Em outro momento de troca, Erileide, liderança e neta de seu Tito, estava contando do ataque à retomada e chutou um balde dizendo “essas são as sementes que o Estado tem para os povos indígenas”; de dentro do balde estavam inúmeros cartuchos de spray de pimenta vencido e balas, jogados pela polícia e jagunços contra a comunidade no ataque no fim de outubro, que se esparramaram pelo chão numa cena de revirar o estômago, mas não mais que os relatos das mulheres, alvejadas por balas de borracha enquanto viam seus filhos guerreiros sendo atropelados por camburões da PM, relatos comprovados por vídeos. Os indígenas nos mostraram também os buracos onde foram enterradas suas barracas, documentos e pertences, por cima dos quais os fazendeiros plantaram soja e jogaram veneno. A comunidade relatou também o uso da pulverização de agrotóxicos como arma química contra o território, jogados por cima de suas casas, roças e até na escola das crianças. Foi também relatado o sequestro de uma jovem, resgatada da sede da fazenda com sinais de abuso sexual.



Imagem 3: Balde recheado de cartuchos de balas e spray de pimenta vencido, todos jogados pela polícia e jagunços no ataque no fim de outubro. Acervo pessoal.

Nesse contexto, as retomadas guarani e kaiowa são uma forma de agência do povo contra a violência e as mudanças climáticas causadas pela ocupação dos *karaí*. É comum escutar que “a doença vem pelo vento”, saberes aos quais nós brancos deveríamos dar atenção, assim como muitas vezes é trazida à tona a realidade dos agrotóxicos, o veneno como chamam, que adoece e envenena a terra, os rios, os alimentos e nós mesmos. Isso vai de acordo com a fala da liderança da retomada Yvy Katu, Leila Guarani, durante o III Seminário Internacional de Etnologia Guarani.

Nós mulheres somos terra, nós cuidamos da nossa mãe-terra, porque sem ela nós não somos nada, não dá pra caminhar, não dá para viver, não há plantação, não temos o que comer, lutamos pelo direito da nossa mãe que para nós é muito importante, ela dá sustento para toda a família. A mãe-terra, nossa mãe, está doente e pedindo socorro. Essa terra não é só a mãe dos indígenas, não é só a mãe do kaiowá, do guarani, vocês não indígenas são filhos dessa terra também. É muito importante esse evento que sai aqui. Eu luto pela minha mãe porque eu a vi sofrendo muito, contaminada pelo veneno, e o nosso sangue também está contaminado pelo veneno. Nosso sangue é água, rio, nós não vivemos sem água. Para lutar por essa terra, por esse sangue, o que a gente faz? Nós não estamos invadindo a terra do *karaí*, porque a gente já viveu neste local, nós não estamos tirando terra de ninguém, nós estamos voltando naquele local que a gente viveu para salvar a nossa mãe, porque aquele local pertence a nossa família e a nossa mãe-terra chama. Não é qualquer um que vai entender isso, tem que ser uma pessoa que vive na retomada, que tá sofrendo junto com a mãe, salvando a mãe - a pessoa que não está ali pedindo para salvar a mãe, não entende. Tem gente que não vai na retomada, diz que tem medo de morrer. Mas tem gente que ainda tem coragem para lutar para salvar a mãe, porque a luta pelo nosso território não é fácil. Antes nós podíamos caçar, tomar banho no rio, sem

ninguém nos impedir. Fomos tirados do nosso tekoha maravilhoso e levados para a reserva, que hoje em dia não serve mais para nós. Na reserva já não dá mais para viver, é pouco para a comunidade, porque a comunidade jamais esquece do seu tekoha. Hoje nós estamos sofrendo, mas mesmo sofrendo nós estamos de pé, nós vamos lutar pela nossa mãe-terra, porque aquele lugar pertence a nós. É ali que a gente respira, que nosso corpo se sente bem, que a gente é feliz, que nossas crianças crescem bem. Se alguém quiser me matar, me mata ali, porque dali eu não saio, **minha mãe cuida de mim e eu to cuidando dela**⁷ (Leila Guarani, 2025).

Levando a sério essa narrativa, pensar que a mãe-terra está envenenada é entender que não apenas ela (a terra), mas também o ar, a água, rios, mares e nosso próprio corpo e sangue, o que anuncia o aumento das doenças e problemas de saúde na atualidade. Se, como dizem as mulheres guarani e kaiowa, “a terra é uma mãe”, entende-se que essa mãe também está passível de cobrar seus filhos, reagir às violências cometidas contra ela, e também castigar, punir. Podemos refletir novamente através de Jerá Guarani em *Tornar-se Selvagem*, quando ela diz que

Para nós, a árvore tem dono, a pedra tem dono, a água tem dono. Além de *Nhanderu*, que fez tudo isso, há os *Ijá* de cada coisa, que tomam conta desses recursos naturais. Quando você usa indevidamente os recursos, você destrói muito. Os donos ficam bravos e vão tirar esses recursos de você. Os mais velhos dizem: “A gente protege nossos filhos do perigo. E esses donos também são pais e mães que vão proteger os seus filhos dos seres humanos quando começam a maltratá-los” (Guarani, 2020, p. 14).

Refletir sobre “tornar-se selvagem” tem sido essencial no caminhar do mestrado, implicando num esforço acadêmico e pessoal de “se tornar pessoa não tão intelectual, não tão importante”, uma construção que tem sido diária e coletiva. “Tornar-se selvagem não é algo que pode acontecer rápido, de um dia para outro, mas algo que implicaria momentos de muita dedicação e de muito trabalho por parte de vocês, não-indígenas” (p. 12). Essa perspectiva também conflui com a de Geni Nuñez (2023) em *Descolonizando afetos*, quando reflete “precisamos reconhecer que é justamente em nome do bem, da família e do amor que a maior parte das violências se perpetua” (p. 22).

Dizem com frequência nas terras guarani e kaiowa que *a terra é como uma mãe*. Se, considerando o que ensinam as mulheres indígenas quando afirmam que a terra é mulher, que, nutrido o corpo, gera vidas (Ciccarone, 2001, Seraguza, 2023), como uma metáfora direta às práticas agrícolas e à maternidade, a ação política de enfrentamento direto em defesa da terra – aos não indígenas que são muitas vezes vistos como “aqueles que já usaram muito a terra”, ou mesmo ao Estado, que os expulsou de seus territórios tradicionais e incentivou o desmatamento, a monocultura e o uso excessivo de agrotóxicos – é como uma resposta à violência cometida à “mãe terra”, e aos seus filhos, ambos atingidos pelas ações daqueles considerados “civilizados” – frente aos “selvagens” (Guarani, 2020), aos povos indígenas e à própria terra. Entre esses indígenas, fazer crescer as plantas, os produtos agrícolas cultivados, é

⁷ Dessa fala de Leila vem o subtítulo da dissertação.

por vezes um argumento que minimiza ações de despejos das terras recuperadas entre os Guarani e Kaiowa, mas nem sempre é efetivo. As casas kaiowa e guarani são em sua maioria produzidas de materiais perecíveis reutilizados, como lona, papelão e tecidos, produtos naturais, como capim sapé e bambu, todas com um fogo de chão dentro, gestado por uma mulher que garante o seu controle a fim de evitar incêndios diante de tantas possibilidades inflamáveis. Estas casas não são empecilhos para os tratores que acompanham os despejos promovidos pelo Estado brasileiro, derrubam as casas e reviram a terra cultivada, para que nada cresça mais ali: nem as crianças, nem as plantas, nem os animais (Seraguza, 2024, p. 4).

Em visita ao território Yvy Katu pude ver diretamente como esse veneno tem afetado a vida da comunidade. Tenho uma interlocutora muito querida, que tem uma grande história de luta contra o arrendamento e o uso de agrotóxicos no território e me levou para conhecer sua roça, mostrando como muitas plantas apresentam sinais de doença, intoxicação pelos venenos que são passados em frente a sua casa.

Antes aqui tinha tudo. Batata, mandioca, milho, tudo dava aqui, tinha muita variedade. Agora nada cresce mais, fica tudo assim, amarelado, morre. Esse pé de poncã já plantei tem mais de dez anos, fica assim, não dá fruto. Ficam uns 30 dias sem passar veneno, elas começam a crescer, quando passa o veneno aqui em volta, morre tudo de novo. Já perdi muita coisa (Relato da interlocutora).



Imagem 4: Semente de ipê preta no pé. No fundo é possível ver o início do arrendamento.



Imagens 5 e 6: Plantas na roça com sinais de intoxicação e doenças.



Imagem 7: Pé de poncã citado.

É de extrema importância ressaltar que os arrendamentos não partem simplesmente da vontade da comunidade, mas de uma pressão interna e externa complicadíssima, que envolve uma rede de interesses financeiros e políticos.

Aqui é fronteira, é bem difícil alguém chegar aqui para ver como a gente vive. Estamos tomando água contaminada pelo veneno, cheirando porque quando passa vem o cheiro pelo vento e dá muita dor de cabeça, febre, dor de barriga, vômito na gente. Teve operação, esconderam as máquinas e em 30 dias já plantaram novamente. A gente tem que buscar água na mina pra beber e tomar banho, e jogam veneno em cima. É uma situação muito triste que a gente passa aqui, tem arrendamento dos dois lados. Semana passada mesmo três crianças quase morreram depois que passou o veneno, teve que ir no posto, que é longe, a pé. Já briguei com dois homens ali no mato, porque eles querem pegar tudo aqui para arrendar, fiz denúncia, brigamos no fórum e fiquei na proteção da polícia federal. Quando passam veneno aqui mata todas as plantas da minha roça (Relato de moradora de Yvy Katu).

Numa outra visita, num momento de conversa antes de dormir, minha interlocutora contou que seu sonho é reflorestar a parte da bica de água que ainda está em suas terras, divididas ao meio entre ela e o arrendatário numa disputa no judiciário. Agora se tornou meu sonho também, um plano de ação alinhado à dissertação e ao trabalho, que espero podermos concretizar.



Imagem 8: Caminhão levando mandioca cultivada em terras arrendadas, dentro do território Yvy Katu. De acordo com as lideranças, o arrendatário é do Paraguai. (Acervo Pessoal)

Considerações parciais

Com a pesquisa ainda em andamento, os resultados parciais já demonstram graves situações de violação aos direitos humanos perpetradas contra os povos indígenas Guarani e Kaiowa, como eles mesmos vêm denunciando há décadas, sendo

urgente a tomada de medidas de garantia de segurança e autonomia, reparação e justiça pelos inúmeros males causados não somente a nível ambiental, mas social, cultural, de saúde física, emocional e psicológica.

Os resultados parciais apontam também para como as mulheres indígenas Guarani e Kaiowa são essenciais e agem no sentido de “segurar o céu” (Kopenawa, 2015), de frear a crise climática a partir de seus territórios no onde hoje entendemos como Mato Grosso do Sul, mas extrapola essa fronteira que aprendi em contato com os territórios fronteiriços e com os Guarani e Pãi no Paraguay: é artificial, imposta pela colonização e pelos brancos. As mulheres, com suas agências políticas preocupadas com o futuro das crianças e da Mãe-terra, nos ensinam a ver a terra como mãe, o que vai na contramão da lógica colonial-capitalista expressa no agronegócio, que enxerga a terra como um bem repleto de recursos, contrapondo a relação familiar à relação de posse. Se aprendemos com as Kaiowa e Guarani que a terra é uma mãe, então ela não é posse de ninguém, mas a mãe essencial para a existência de todos nós, isso que venho aprendendo com elas: terra não é sujeira, terra é vida.

A disputa territorial que vemos ocorrendo aqui tem consequências a nível global, faz parte de um contexto que vem definindo: se vamos sobreviver, quem vamos sobreviver, como vamos sobreviver, o que é essa humanidade que sobrevive, como ela sobrevive, o que se torna, quem ela elimina... muitos questionamentos que vem sendo tecidos e debatidos no chamado antropoceno. Para superar a crise climática, para curar essa terra envenenada, precisamos aprender outros modos de viver, de coabitar, cumprir com o dever de lutar pela nossa Mãe-terra. Sendo assim, as mulheres guarani e kaiowá representam uma resistência imensurável ao sistema capitalista-colonial, e talvez por isso mesmo sejam tão atacadas.

Pesquisei e registro com todo meu respeito, admiração e apoio à luta de minhas interlocutoras e do povo Guarani e Kaiowa, tendo em vista que “resistir é admirável, mas não é fácil, envolve dores passadas e presentes” (Colman; Pechincha; Pereira, 2024, p. 25).

O Brasil é terra indígena. Demarcação já!

REFERÊNCIAS

III Seminário Internacional Etnologia Guarani. Participação presencial. Acesso às mesas em:

https://www.youtube.com/watch?v=wT5SrAq9U3I&list=PLoS56GYG5H5WP0wfH_aZUcxyki_COwYd1. Dourados - UFGD/UEMS, 13 a 15 de Maio de 2025.

BISPO, Antonio. 2023. A Terra dá, a terra quer. Piseagrama e Ubu. Ler: “Semear palavras”, pp. 1-5 e “Arquitetura e contracolonialismo”, pp. 36-47.

CERRO, Esteban del; MONTERO, Maria Ignácia. Guyraroka: nova retomada expõe o uso de agrotóxicos como arma de guerra e as redes do latifúndio corporativo. Disponível em: <https://contrapoder.net/artigo/guyraroka-nova-retomada-expoe-o-uso-de-agrotoxicos-co-mo-arma-de-guerra-e-as-redes-do-latifundio-corporativo/>. Publicado em: 20/10/2025. Acesso em: 03/12/2025.

CIMI. Tropa de Choque escolta tratores e ataca retomada Guarani e Kaiowá na TI Guyraroká; há pelo menos nove feridos. Disponível em: <https://cimi.org.br/2025/10/tropa-de-choque-escolta-tratores-e-ataca-retomada-guarani-e-kaiowa-na-ti-guyraroka-ha-pelo-menos-nove-feridos/>. Publicado em: 17/10/2025. Acesso em: 04/12/2025.

COOPER, Melinda. Valores familiares do neoliberalismo: bem-estar social, capital humano e parentesco. ALBINO, Chiara; OLIVEIRA, Jainara; MELO, Mariana (Orgs.). Neoliberalismo, neoconservadorismo e crise em tempos sombrios. Recife: Seriguela, 2021.

DANOWSKI, D. VIVEIROS DE CASTRO, E. Há mundo por vir? Ensaio sobre medos e fins. São Paulo: ISA/Cultura & Barbárie, 2014.

GUARANI, Jera. Tornar-se selvagem. Piseagrama, n. 14, p. 12-19, jul. 2020.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte I Ano 3- N. 5 / Abril de 2016.

KOPENAWA. Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

LATOUR, Bruno. Terceira fonte de incerteza: os objetos também agem. In: Reagregando o social. Uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador, Bauru: Edufba, Edusc, 2012, p. 97-128

MARTIN, Nastassja. 2021. Escute as feras. São Paulo: Editora 34. 106 pp.

MONCAL, Gabriela. Guarani e Kaiowá retomam fazenda no MS para impedir uso de agrotóxico e expõem disputa que pode redefinir demarcações no país. O Joio e o Trigo. Disponível em: https://ojoioeotrigo.com.br/2025/12/guarani-e-kaiowa-retomam-fazenda-no-ms-para-impedir-uso-de-agrotoxico-e-expoem-disputa-que-pode-redefinir-demarcacoes-no-pais/#utm_source=ig&utm_medium=social&utm_content=link_in_bio. Publicado em: 04/12/2025. Acesso em: 04/12/2025.

ORTNER, Sherry B. A antropologia sombria e seus outros: Teoria desde os anos oitenta. Tradução e revisão de Jainara Oliveira & Chiara Albino. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v4, n11, p. 27-50, julho de 2020.

PEREIRA, Levi Marques, PECHINCHA, Mônica Thereza Soares, COLMAN, Rosa Sebastiana. Retomadas indígenas. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2024. Pags. 8-33.pdf

SERAGUZA, Lauriene Olegário e Souza. Tomar as palavras – política entre as mulheres Guarani e Kaiowá. Rev. antropol. Dossiê representação e “apresentação” política ameríndia vol. 1 (São Paulo, Online) | v. 68: e211401 | USP, 2025.

SERAGUZA, Lauriene Olegário e Souza. As Donas do Fogo: política e parentesco nos mundos guarani. Orientação Marcio Ferreira da Silva - São Paulo, 2023.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, Brasil, n. 69, p. 442–464, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>.

TSING, Anna L. Strathern além dos humanos: testemunhos de um esporo. In. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: Editora IEB, 2019.